

Juventude, espaços de formação e modos de vida

Sales, Celecina de Maria Veras

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Sales, C. d. M. V. (2010). Juventude, espaços de formação e modos de vida. *ETD - Educação Temática Digital*, 12(esp.), 24-41. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-190732>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more information see:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Juventude, espaços de formação e modos de vida

Celecina de Maria Veras Sales

RESUMO

Os jovens rurais têm diferentes inserções na sociedade. Considerando essas diversidades, pretende-se conhecer seus espaços de formação (escola, família, movimentos sociais), apreendendo as singularidades, as variações e as multiplicidades de suas práticas. Como os jovens na escola, nos cursos de formação, na família, no cotidiano, estão criando e recriando modos de vida? Como os jovens rurais constituem seus espaços de formação e sociabilidade, como exercitam corpo e o pensamento e como canalizam desejos, sonhos e ações afirmativas?

PALAVRAS CHAVE

Juventude; Sociabilidade; Educação

Youth, place of human formation and ways of life

ABSTRACT

Rural youth have different insertions in society. Considering these differences, we intend to know their place of human formation (school, family, social movements) learning the singularities, variations and multiplicity of practices of these youths. How young people are creating and recreating lifestyles at school, training courses and in family? As rural youth are building their areas of training and sociability and how they exercise body and mind, how they can channel desires, dreams and affirmative action.

KEYWORDS

Youth; Sociability; Education



INTRODUÇÃO

A rua, a praça, a escola, a casa, a igreja, o transporte escolar são espaços onde se encontram jovens que quase nunca estão sozinhos. Esses grupos têm suas variações, e, na sua heterogeneidade, há sempre experimentações de sociabilidade, em que afetam seus pares e são afetados por eles. O grupo é também uma forma de compor novas relações ou de decompô-las.

Para Pais (2008, p. 208), o grupo pressupõe interações, identificações entre as pessoas, embora as formas de afiliações e contatos sejam diferentes entre si. “Não haveria sociedade se não existissem afiliações sociais entre as pessoas, quer na forma de grupos, associações, organizações ou agregados sociais.”

Dayrell (2007, p. 201) afirma que “os grupos se constituem como um espaço de trocas subjetivas, mas também palco de competições e conflitos”.

Porque se considera a importância que o grupo tem na vida dos jovens, é que se pretende conhecer seus espaços de sociabilidade e formação. Como os jovens na escola, na família, no cotidiano, estão criando e recriando modos de vida? Como os jovens rurais constituem seus espaços de formação e sociabilidade, e como exercitam corpo e o pensamento, canalizam desejos, sonhos e ações afirmativas?

Mesmo constatando, através de pesquisas desenvolvidas com jovens rurais, a importância do grupo, é também interessante questionar como eles e seus agrupamentos reagem diante da crise do comum. Para Negri (2003, p.258), “o comum é sempre construído por um reconhecimento do outro, por uma relação com o outro que se desenvolve nessa realidade”.



Os jovens estariam, no seu desejo de grupalidade, constituindo o comum, quando articulam participação, comunicação e tornam-se sujeitos sociais ativos? Os jovens estariam no seu modo de vida assegurando laços sociais? Os jovens estariam traçando novas conexões, em substituição aos modos tradicionais de associação, como grêmios estudantis, partidos e sindicatos? As comunidades virtuais seriam uma nova possibilidade de interação para a juventude?

CONEXÃO E SOCIABILIDADE NO ESPAÇO VIRTUAL

Nas comunidades virtuais os jovens estabelecem suas redes de relacionamento, criam formas de filiação. Essa interatividade propõe identificação de gosto, de estilo, de uma estética e linguagem próprias. Segundo Pais (2006), a sociabilidade no ciberespaço é bastante diferenciada — há lugar para relacionar-se afetivamente, entreter-se, passar o tempo, conhecer pessoas e reativar contatos. Desse modo, a variação de sociabilidade constituída no ciberespaço pode possibilitar tanto um sentimento de unidade, de relacionamentos mais profundos, como também reações inconstantes.

Mesmo que, em alguns casos, fragilize e enfraqueça as culturas de grupos, não se pode negar que essa forma de sociabilidade das redes sociais faz parte da cultura juvenil contemporânea, uma vez que ela é um modo de expressão coletiva das experiências sociais de comunicação, informação e relacionamento dos jovens.

O crescente uso da Internet suscita diversas discussões nos mais diferentes campos. Algumas destacam o isolamento social, outras ressaltam a sociabilidade, facilitada pela possibilidade do encontro de novas relações, do diálogo que a rede estabelece. No espaço virtual, a comunicação é constante, o acesso é ilimitado e, ainda, a maioria dos usuários torna-se criador e receptor ativo da informação.



As novas tecnologias de comunicação e informação têm sido um fator de mudanças sociais e das formas de comunicação também no mundo rural, o que pode ser percebido no estilo de vida da juventude.

No Brasil, embora os pobres do campo ainda, na sua quase totalidade, utilizem como ferramentas a enxada, o facão e a foice, o trabalho no campo, desde a década de 1970, tem-se transformado com a introdução de máquinas e insumos químicos. Grande parte dos assentamentos possui algumas máquinas de uso coletivo que, associadas aos instrumentos primitivos, compõem seu cotidiano de trabalho.

A construção de estradas tem facilitado a aproximação entre campo e cidade, mesmo que ainda existam muitos assentamentos no Ceará distantes de rodovias. A obrigatoriedade do transporte escolar em locais onde não existem escolas tem permitido a interação, principalmente dos jovens, ao realizar diariamente o percurso do assentamento a um distrito ou sede do seu município.

A diminuição do isolamento do campo não garante algumas condições de acesso a determinados bens e serviços. A transformação é muito mais lenta. Como afirma Castells (2002), em termos gerais, é a proximidade com os centros de inovação das novas tecnologias, que normalmente se localizam em áreas metropolitanas, que acelera a transformação.

Mesmo no seu ritmo, a paisagem do campo vem mudando e, junto com ela, o modo de vida, as formas de interação, os valores, a comunicação e a organização de seus componentes. Os conflitos de terra e o acesso a informações reduziram a família extensa, dando lugar à família nuclear. A diminuição do analfabetismo trouxe a mudança da cultura oral para a cultura letrada.

As novas tecnologias chegaram ao campo, trazendo mudanças também no sistema de crenças e códigos. O campo, outrora isolado, sem energia elétrica, sem transporte e interligado apenas pelo rádio, foi se modificando com a chegada de outras formas de comunicação e informação – televisão, o digital vídeo disc (DVD) e o celular. A televisão,



com sua linguagem e símbolos, é entretenimento, informação, comunicação. “A televisão modela a linguagem da comunicação na sociedade” (Ibidem, p.416).

Observa-se, no caso da juventude, que o próprio corpo vai se modelando, criando uma estética urbana/rural. A indumentária dos jovens, fora do trabalho na roça, já não difere da dos jovens urbanos; as rodas de conversas noturnas entre vizinhos vão dando lugar à platéia da televisão. Os apelos do consumo povoam o imaginário dos jovens; alguns pensam a cidade como um *shopping center* – local de diversão e consumo.

Ao acessar a internet, os indivíduos descobrem novos espaços, onde desenvolvem teias de relações, redes de discussões, lugar para compartilhar experiências, conhecimentos, emoções e sensações.

As novas tecnologias acentuam as mudanças na casa, no trabalho, na comunicação e, conseqüentemente, redimensionam a vida familiar, especialmente quando combinadas com o aumento da escolaridade e com a mobilidade no sentido campo-cidade-campo.

Nos assentamentos, as inovações tecnológicas, a relação com as máquinas, com os meios de comunicação, com o mundo exterior, constroem novos modos de vida. Como consequência, os filhos fogem do controle dos pais.

O surgimento de novos veículos de informação e comunicação, como a internet, por exemplo, possibilita interações com novos formatos, com outra noção de tempo-espaço. A chegada da internet no assentamento trouxe mudanças, algo de novo, como comenta um jovem que atualmente assume o papel de instrutor de informática no assentamento.



Há seis anos, até em Canindé a internet era difícil, hoje não. Aí pra gente era uma coisa totalmente diferente do que a gente pudesse imaginar, né? O contato pensava que era só com o computador, mas depois que a gente foi aprendendo, a gente viu que a internet é um meio de comunicação, e, além de um meio de comunicação, podemos ter um futuro na questão de aprendizagem, e não é só, saber o que se passa, é divertimento e na internet você pode estudar, pode fazer uma infinidade de coisa que a gente, naquela época, achava impossível de existir, não imaginava que poderia existir. No mundo que a gente vivia eu nunca imaginava que poderia chegar no nosso assentamento um laboratório de informática aí pra gente foi uma muito bom. Em Canindé tinham poucos e a gente não tinha conhecimento, a maioria não tinha conhecimento. O pessoal de Canindé até ficou surpreso com o CRID quando sabia que tinha um laboratório de informática aqui no interior pra gente veio num momento que mudou a vida de cada um. (Jovem assentado, 24 anos).

A rapidez da informação e os relacionamentos realizados através da internet evidenciam o papel dessa rede na vida das pessoas, especialmente na dos jovens. Concordamos com Garbin (2003, p. 5), que “a Internet não pode mais ser vista como um local apenas de troca, de busca de informações ou ainda de encontros entre pessoas, mas também como um local de produção de conhecimento”. A rede penetra diferentes campos da vida social, interfere e modifica experiências que envolvem corpo, atitudes, valores, comportamentos, ideias, pensamento e sociabilidade.

Mesmo com toda interatividade da internet, não se pode desconhecer que muitos jovens pobres, rurais e urbanos, estão excluídos desse viver tecnológico. Embora os *sites* com ofertas de *e-mails* gratuitos tenham aumentado o número de usuários da internet, muitos internautas não possuem computador em sua casa e acessam seus *e-mails* em *lan-houses*, escolas e programas de inclusão digital.

As últimas pesquisas de abrangência nacional “Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil” (2009) trazem informações importantes sobre o acesso a Novas Tecnologias da Informação e das Comunicações (NTIC): 68% dos jovens, entre 16 e 24 anos, fazem uso delas. Confirmam também que a Internet, no Brasil, permanece como fenômeno urbano e concentra-se nas regiões de alta renda. Os dados mostram a existência dos excluídos da rede, da navegabilidade e das possibilidades que a rede oferece. Castel (2002) denominou essa exclusão de desfiliação, ou seja, existem jovens que estão desconectados pela mesma sociedade que inclui, que dá acesso a outros jovens na rede.



JOVENS, SOCIABILIDADE E ESCOLA

A escola, além de desenvolver a sociabilidade, também propicia interações e acesso a diversos outros espaços. No caso específico dos jovens do campo, não só a escola, mas também o trajeto da casa à escola produz experiências. Como diz Dayrell (1999, p. 26),

as crianças e os jovens passam a ter grande parte do seu tempo cotidiano regulado e estruturado em atividades que traduzem elementos e traços da escola. No caso dos jovens, por exemplo, eles criam momentos próprios de socialização baseada nas relações de amizade, nos espaços intersticiais fora e dentro das instituições, inclusive na própria escola, onde trocam informações e produzem aprendizagens.

A escola, além de viabilizar o acesso a informações, proporciona o deslocamento diário. No caso dos assentamentos do Ceará, em quase a totalidade deles só há as primeiras séries escolares.

Essa convivência diária com pequenas cidades e/ou distritos, a televisão na sala da casa, são fatores que têm influenciado as mudanças de hábitos e costumes. Os militantes do MST oriundos dos assentamentos e alguns jovens assentados deparam-se, por meio da escola, com o computador; conectam-se, entram no circuito e rompem as fronteiras da sua comunidade/assentamento.

A incorporação dessa nova forma de comunicação amplia os universos sociais e a própria forma de vivenciar a realidade. Ao participar de redes telemáticas, esses jovens produzem novas formas de sociabilidade que causam efeitos não só sobre o cotidiano no assentamento, como também na sua aprendizagem.

Quando tem pesquisa da escola eu gosto de primeiro olhar o meu e-mail, eu gosto de me comunicar com uma prima minha, [...] Ah, tenho muitos amigos no Orkut, acho que tenho mais de, acho que mais de vinte e cinco páginas, sei que há muito amigos mesmo (Jovem assentada, 16 anos).

No espaço virtual, é possível desenvolver, concomitantemente, múltiplas atividades. Nessa nova territorialidade, é possível fazer pesquisa escolar e escapar para conversar com alguém em outra localidade distante.



A escola é também *tempo da convivialidade* e, segundo Damasceno (2000, p. 78) “cumpre um importante papel do ponto de vista educativo, no que se refere à formação do aluno, que, em última instância, é o principal objetivo da prática pedagógica”.

Para Damasceno (Ibidem), os diversos espaços da escola “possibilitam ricos momentos de trocas, de criação de relações, de fortalecimento das amizades, dos laços de solidariedade, das paqueras”.

JOVENS EM GRUPOS E MOVIMENTOS SOCIAIS

A participação política dos jovens é expressa através de diversas formas de associações, grupos e movimentos sociais. Aqui, o sentido de política reporta-se ao pensamento de Deleuze e Parnet (1998), que concebe “a política como experimentação”. Esse novo sentido de pensar e de fazer política, utilizando outros dispositivos, é vivenciado pelos jovens nos grupos artísticos, nos movimentos e nas associações. Muitas ações desenvolvidas nos grupos e nos movimentos rompem com determinações fixadas e práticas de poder constituídas na sociedade. Essa forma de agir na militância política, nas expressões artísticas e culturais cria possibilidades de ultrapassar o que está preestabelecido, moldado, para investir no domínio de si, na sua autonomia para poder explorar todo o seu potencial.

Para compreender uma experimentação política de jovens em movimento social, foram investigados jovens militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. No Estado do Ceará, é bastante visível a presença de jovens em ações coletivas do MST, como também na direção estadual e regional do movimento.

Essa participação leva à pergunta: o que levaria jovens do campo a permanecer ou a integrar o MST, após a conquista da terra por sua família? Seria a construção do comum? Uma alternativa de mudança da sua realidade? A inserção em uma rede social que amplia seus espaços de interação e comunicação?



Para Calle (2007), existe um novo ciclo de mobilização, uma renovação profunda do sentido das ações coletivas, o que é visível na linguagem, nos símbolos, nos discursos, nas propostas, nas ações, nas ferramentas de comunicação e, até mesmo, nas novas estruturas.

Ao analisar os impactos dos movimentos sociais, Calle (2007) observa que os movimentos são construtores de novas culturas políticas e de socialização para seus ativistas. E, através das redes e das campanhas internacionais, os movimentos globais estão tendo um papel importante na alteração do mundo de referência das pessoas, quando propõem, por exemplo, um consumo alternativo ou uma linguagem não sexista.

Alguns militantes buscam o MST para caracterizar-se, afirmar-se sob outro domínio. Ao participar do MST, também passam a integrar uma rede social que cria possibilidades de abertura para articulação de saberes e partilha de interesses e informações.

No MST, seus militantes aprendem táticas de luta, têm o domínio de uma linguagem política, estabelecem canais de interação, expandem vínculos sociais.

Pensar e desenvolver práticas coletivas que aos poucos vão se tornando cultura dentro do MST, que modifique o nosso jeito de pensar/agir é na minha concepção a saída para os grandes problemas que enfrentamos hoje. Além dessa coisa bonita que o MST cria na gente que é a valorização do ser humano. Essa idéia de que todos nós temos uma tarefa a cumprir e que a mudança depende de cada um nós. Esse sentir-se responsável pelo outro, pelo coletivo é uma maneira muito bonita de organizar a vida coletiva. O MST mesmo com todas as suas dificuldades tem sido para mim esse movimento coletivo da mudança. Tornar possível o impossível alimenta nosso desejo de contribuir com a história. A história que a gente acredita que é a história da resistência a esse modelo de dominação e da experiência de ser/fazer diferente (Jovem militante do MST).

O ativismo político ou a militância política dos jovens no MST é, como disseram os próprios entrevistados, incentivado por situações cotidianas que mexem diretamente com a vida, pelo intolerável que atravessa a sociedade e concretiza-se na experiência de exclusão, exploração, opressão, divisão, preconceito, discriminação, injustiça e desigualdade social. Mas, por outro lado, o que mobiliza também é poder interagir em diversos espaços, é a formação continuada e a própria possibilidade de mobilidade.



O MST representa, para os militantes, espaço de construção de desejos, de recusa à exclusão, à desigualdade; espaço onde conseguem expandir-se, onde podem agir, lutar e produzir realidades novas, novos modos de relação consigo mesmo e com o outro, modo de sentir-se parte da transformação social. É ainda uma forma de criar aberturas, contatos, articulações, reconhecimento, o que seria quase impossível realizar individualmente.

Outro espaço importante pesquisado foi o grupo de teatro do assentamento Todos os Santos, no município de Canindé. As manifestações culturais da juventude do assentamento Todos os Santos dão-se através da formação do grupo de teatro Carrapicho, criado há dez anos e que utiliza as artes cênicas para discutir temas relacionados à juventude e à realidade do campo.

No início a gente pensava que o assentamento estava parado, o que estava acontecendo, todo mundo saía pra fora pra se divertir, pra ir pra festa, pra ir pra outros locais, e aí a gente pensou: o que a gente pode fazer pra mudar isso? Isso a gente “meninotes” de 10 anos, e a gente reuniu um grupo pra fazer uma noite cultural, aí todo mundo: noite cultural? O que é isso? Vamos reunir um grupo aqui e a gente vai criar pequenas apresentações e como alguns meninos aqui tocam violão vamos animar, e saí convidando um pessoal no assentamento e decidimos fazer uma noite cultural. E começamos a criar algumas peças engraçadas, que é bem forte aqui com os meninos, e convidamos e aí lotou aqui de gente. Fizemos a primeira noite cultural e todo mundo gostou, aí começaram a perguntar: e a próxima, quando é que vai ser?

No início do grupo, as encenações eram feitas de forma espontânea, improvisadas, com influência do circo, da comédia popular e da literatura de cordel; o teatro era utilizado para entretenimento. Nesse período de dez anos, as montagens das peças foram incluindo temas relevantes sobre a situação do campo, da juventude e do cotidiano do assentamento. Já as novas peças exigiram pesquisa para aprofundar os temas, a construção das personagens e a montagem do figurino. A partir da escolha do tema, cada jovem, de forma coletiva e individual, desenvolve um novo olhar sobre a realidade.

A criação do teatro Carrapicho, nome dado para o grupo de teatro do assentamento Todos os Santos, nasceu com o objetivo de mostrar aos outros jovens que o teatro é uma forma de diversão, animação, comunicação, educação, arte e cultura.



Nós pensamos que as pessoas do campo também têm direito à arte, então é uma necessidade básica, assim como a gente tem direito à educação, à saúde, embora não seja de boa qualidade, a gente também tem direito à arte, a gente não tem que pensar que isso é uma coisa dos ricos, que são coisas da cidade, não! A gente pode fazer a nossa arte, a gente pode fazer a nossa cultura, e de uma forma diferente, a gente costuma chamar até o teatro que a gente faz um teatro não de rua e sim um teatro da terra (Jovem assentado, 20 anos).

Essa fala confirma que a juventude pode ser vista, tanto através da sua diversidade de formas e conteúdos culturais como dos processos que configuram condições desiguais de acesso a bens culturais e simbólicos, restringindo, dessa forma, a competência de expressividade cultural da juventude no Brasil e no mundo (CARRANO; MARTINS, 2007).

Desde pequeno que a gente trabalha com essa questão da arte com a cultura, e isso tem uma presença muito forte aqui na comunidade, na qual a gente realiza noites culturais pra animar a comunidade, pra despertar mais ânimo na juventude, pra que os jovens tenham um meio de se divertir no assentamento sem ter que precisar, muitas vezes, sair do assentamento [...]. A gente tem um grupo hoje que é destaque no Ceará todinho e até no Brasil, como a gente já fez apresentações em vários estados (Jovem assentado, 20 anos).

Essa dinâmica assim descrita demonstra como os jovens têm capacidade de produzir arte, cooperação, e como eles percebem a potência do coletivo e de cada um. Mesmo na contramão do capital cultural, o grupo de teatro consegue fazer circular sua arte, com sua linguagem, sua inventividade. Através do teatro, os jovens reafirmam o sentido de pertencimento ao mundo rural, o caráter cooperativo no interior da comunidade e suas formas próprias de comunicação.

O grupo de teatro demarca um espaço privilegiado de apropriação de linguagens textuais e corporais, de uma estética e de um conjunto de símbolos que permite criar personagens. Essas expressões artísticas e simbólicas são manifestações da diversidade que constitui os grupos culturais juvenis.

A visibilidade e a relevância do grupo Carrapicho dentro e fora do assentamento é um fator de motivação para os participantes do grupo, é também um reconhecimento do trabalho desenvolvido e a valorização de cada membro. Para esses jovens, o grupo de teatro é



um espaço importante de construção de sua autoestima. Ao falar sobre o grupo, o jovem esclarece que:

Não é um trabalho simplesmente artístico, mas um trabalho social, ele não se preocupa simplesmente em formar bons atores, em formar bons diretores ou dançarinos, não, ele se preocupa em formar ser humano, em construir essa relação social com as pessoas do assentamento (Jovem assentado 21 anos).

As expressões culturais “centradas nas práticas, nas relações humanas e nas transformações das estruturas da vida social”, (CERTEAU, 1995, p.82) podem ser reelaboradas, como fazem os jovens. Acredito que essa é uma tática dos jovens para divulgar suas expressões artísticas e também as político-culturais.

Ao referirmo-nos às expressões culturais, estamos fazendo alusão à produção de discursos, acontecimentos, movimentos, gestos e agrupamentos sociais. Como diz Certeau (1995, p.247): “sejam quais forem suas modalidades, a expressão cultural é, antes de mais nada, uma atividade”.

Observa-se, através de pesquisas anteriores, que os jovens nos movimentos culturais, sociais e políticos, têm uma relação diferenciada com a política e a cultura, pois colocam-se não apenas como consumidores, mas como produtores de cultura. No próprio grupo cultural, os jovens formam sua visão crítica da realidade e o desejo de modificá-la. Em muitos casos, percebe-se também que participar de um grupo, de uma associação, de um movimento social, significa um despertar, um preparar-se para a vida.

AS RELAÇÕES DE GÊNERO NOS GRUPOS E MOVIMENTOS SOCIAIS

Os grupos, as associações e os movimentos sociais, embora lutem por igualdade de direitos no que diz respeito à questão de gênero, ainda têm muitos problemas. Quando colocam a discussão de gênero em pauta, suscitam outras discussões, tais como desigualdade e direitos humanos.



Os estudos de gênero trouxeram contribuições e questionamentos importantes para os grupos, para os movimentos e a sociedade em geral, pois, como diz Louro (1977), passou-se a analisar a construção social e cultural do feminino e do masculino. Na concepção de Butler (2003, p. 20), “se tornou impossível separar gênero da noção de ‘gênero’ das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida”.

Estudos sobre as relações de gênero, através de material didático, oficinas, seminários e encontros, têm permeado discussões no interior de muitos movimentos sociais. Outro aspecto interessante são as lutas sobre cotas e o nível de participação e/ou envolvimento das mulheres jovens nos movimentos e a visibilidade das que conseguiram assumir lugar de liderança.

A problemática de gênero, nos grupos de jovens e de teatro estudados, não se coloca como tema de estudo, mas concretiza-se nas suas práticas, no seu cotidiano.

No MST, a discussão de gênero foi incluída, mas isso não impede que, no seu interior, haja subgrupos ainda mais minoritários, como é o caso das mulheres jovens, das mulheres negras, das mulheres lésbicas. Dessa forma, há sempre o risco de esses pequenos grupos serem silenciados. A criação de um setor de gênero e um de jovens no MST é importante, mas também corre o risco de, em nome das “grandes causas”, sufocarem as singularidades e o próprio desejo de luta. A vontade de autonomia e emancipação não se realiza quando a atuação desses pequenos grupos, sua fala, sua capacidade de intervir, restringe-se àquele espaço e àquelas questões específicas. Essa situação inverte-se, quando os setores específicos e os movimentos criam um sistema de diálogo, quando a função de autonomia do movimento possibilita a captação de desejos, de lutas, e os setores no interior dos movimentos funcionam de forma rizomática, ou seja, sem subordinação hierárquica, mas com liberdade, para que um afete o outro.



O setor de gênero, ou mesmo as discussões e as ações sobre gênero, no MST, como em outros movimentos sociais, podem também se constituir em dispositivos de articulação de uma nova forma de agir, dispositivos que possibilitem criar aberturas para estabelecer diálogos.

Os movimentos sociais, embora lutem contra opressão e desigualdades sociais tenham desejo de emancipação no processo de lutas, no seu agir político há o encontro com a experiência de poder, e isso pode reproduzir ou não formas de dominação, como, por exemplo, as discriminações de gênero. Por outro lado, os movimentos, mesmo com todas suas estratégias, normas e regras, têm sempre certo grau de liberdade, uma fresta por onde pode entrar ar e que possibilita trazer para discussão os problemas do próprio movimento.

É através das pequenas aberturas que surgem as lideranças de mulheres jovens. Em alguns movimentos, isso é menos expressivo; em outros, vem crescendo o número de mulheres ocupando cargos de direção e/ou em posição de liderança. É importante registrar que elas estão presentes em todos os espaços, em todos os movimentos. Para situar a questão de gênero nos grupos estudados, pode-se dizer que há participação efetiva das mulheres jovens.

Embora as mulheres estejam presentes no grupos de jovens, nos grupos de teatro, nos movimentos sociais e algumas estejam em posição de liderança, em muitos momentos ainda lhes atribuem lugares de representações definidoras do feminino, papéis desenhados por valores históricos e culturais, que codificam condutas, comportamentos, que separam os espaços por sexos e idade.



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensar nos jovens e, principalmente, nas jovens, em seus espaços de sociabilidade, em suas ações coletivas, vem à mente a ideia de Negri (2003) sobre multidão, pois o/a jovem em seu grupo, em sua associação, em seu movimento, tem uma potência de vida que é gerada através de uma junção da *inteligência coletiva, afetação recíproca, produção de laço*. A sua condição econômica, social, territorial, pode ser superada através do sonho de mudança, das experimentações artísticas, políticas, que, sozinho (a), não conseguiria empreender.

O acesso às redes sociais, à mobilidade proporcionada por sua participação, tem o sentido de mudança de seu modo de vida. Essa participação, para quem vive e trabalha no campo, cria novas possibilidades de reverter sua situação, anuncia perspectivas de reinventar sua própria existência, de ultrapassar o que está preestabelecido, moldado. O envolvimento político parece dar autonomia para o jovem investir no domínio de si e poder explorar seus desejos e potencialidades.

Os sonhos e os desejos pessoais fazem conexão com suas lutas. Como diz Deleuze (1998), nunca se deseja algo sozinho, o desejo é sempre em conjunto; portanto, estudar é algo que vem associado a outras questões, pois desejar tem o sentido de construção, de *construir um conjunto*.

Nos sonhos e nos desejos coletivos, os jovens apontam para a transformação social, para uma sociedade diferente da atual e sentem-se parte da construção dessa mudança. Esses desejos demonstram uma forma de ser e uma forma de sociabilidade.



REFERÊNCIAS

- ABRAMOWAY, M.; CASTRO, M. C. **Juventude, juventudes**: o que une e o que separa. Brasília: UNESCO, 2006. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org>>.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2003.
- CALLE, A. El estudio del impacto de los movimientos sociales. Una perspectiva global. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, Madrid, n. 120, 2007.
- CARRANO, P.; MARTINS, C. H. S. Culturas juvenis em espaços populares: culturas e expressividades juvenis: uma janela para a escola. **Boletim 24**, Salto para o futuro, 2007.
- CASTELLS, M. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura: volume I: a sociedade em rede. Lisboa: Fundação Calouste-Gulbenkian, 2002.
- CERTEAU, M. **A cultura no plural**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas-SP: Papirus, 1995.
- _____. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1999.
- DAMASCENO, M. N. A convivialidade como expressão da cultura estudantil. In: DAMASCENO, M. N.; THERRIEN, J. (Org.). **Artesãos de um outro ofício**: múltiplos saberes e práticas no cotidiano escolar. São Paulo, SP: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2000.
- DAYRELL, J. **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- _____. Juventude, grupos de estilo e identidade. **Educação em Revista**, n. 30, p. 25-39, dez. 1999.
- _____. Juventude, produção cultural e a escola. **Caderno do Professor**, Belo Horizonte, n. 9, abr. 2002.
- _____. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, out. 2007.
- DELEUZE, G. e PARNET, C. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.



FERREIRA P.; SILVA, P. A. **O associativismo juvenil e a cidadania política**. Lisboa: Instituto Português da Juventude, 2005.

GARBIN, E. M. **Culturas juvenis, identidades e internet: questões atuais**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

LEVY, P. **O que é virtual?** São Paulo, SP: Editora 34, 1994.

_____. **Cibercultura**. São Paulo, SP: Editora 34, 1999.

_____. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. 13. ed. São Paulo: Editora 34, 2004.

LOURO, G. L. Gênero, história e Educação: construção e desconstrução. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

NEGRI, A. **Cinco lições sobre o Império**. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2003.

PAIS, J. M. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo, SP: Cortez, 2003.

_____. Jovens e cidadania. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 49, 2005.

_____. **Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas**. Porto: AMBAR, 2006.

_____. **VI CULTURAS DE GRUPOS: grupos e afiliações sociais**. Lisboa: [s.n.], 2008.

PELBART, P. P. Biopolítica e biopotência no coração do império. In: LINS, D.; GADELHA, S. (Org.). **Nietzche e Deleuze: que pode o corpo**. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará, 2002.

RECUERO, R. C. Comunidades virtuais: uma abordagem teórica. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO, 5., GT de Comunicação e Tecnologia das Mídias, 2001, PUC/RS.

SALES, C. M. V. **Criações coletivas da juventude no campo político: um olhar sobre os assentamentos rurais do MST**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2006.



Celecina de Maria Veras Sales

Universidade Federal
do Ceará – UFC;
Doutora em Educação, com
Pós- Doutorado em Sociologia;
Professora da Pós-
Graduação em Educação
(85) 32240878 (85) 99449520
E-mail: celecinavs@gmail.com

Recebido em: 30/06/2010
Publicado em: 30/092010